



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**



LUAN FERREIRA DE SOUZA

**ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR
BRASILEIRO: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

**João Pessoa
2017**

LUAN FERREIRA DE SOUZA

**ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR
BRASILEIRO: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso em formato de monografia apresentado ao Curso de Terapia Ocupacional como requisito para aquisição do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Discente: Luan Ferreira de Souza.

Orientadora: Prof.^a Ms. Ana Carollyne Dantas de Lima

João Pessoa

2017

S729a Souza, Luan Ferreira de.

Atuação da Terapia Ocupacional no ambiente escolar brasileiro : uma revisão da literatura/ Luan Ferreira de Souza. - - João Pessoa, 2017.

29f.: il. -

Orientadora: Ana Carollyne Dantas de Lima.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Terapia ocupacional. 2. Educação. 3. Escolas. 4. Ambiente escolar.

BS/CCS/UFPB

CDU: 615.851.3(043.2)

LUAN FERREIRA DE SOUZA

**ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR
BRASILEIRO: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 16/11/2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Ana Carollyne Dantas
UFPB

Claudia Fell Amado
UFPB

Marilia Mayer Bregalda
UFPB

DEDICATÓRIA

À Francisco (In memoriam), que além de pai foi o meu herói durante todos esses anos. Com esse trabalho eu finalizo um ciclo do qual você sonhou por muitos anos para mim, espero que esteja orgulhoso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador por todos os livramentos e forças que Ele tem me dado durante essa trajetória, em especial durante o último ano da graduação, onde eu mais pude senti-Lo próximo a mim;

À Dona Zeneide, minha mãe e minha melhor amiga por todo o esforço, suor, lágrimas e incentivos que tive e que passamos juntos durante essa caminhada;

Ao Luiz Henrique, que foi o meu escudo e a minha espada por tantos anos, pelo tempo dedicado a mim em ser o meu amor, amado e amante. Por não ter desistido de mim nos momentos mais difíceis, em especial quando a universidade se tornou um problema na minha vida afetando inclusive o nosso relacionamento;

À Caroline Dantas, “Jenna”, “Alyssa” ou da forma que eu mais gosto de chama-la, “meu bem” por ver em mim um potencial que eu não conseguia ver, por me motivar a ser alguém melhor sempre e a partir desta motivação que tudo se iniciou, sou grato a todos os anos de amizade e de dedicação que temos um pelo outro;

Ao meu quarteto favorito que me ajudaram a permanecer na universidade e me ajudaram a construir o que eu sou hoje. Dani, Tati, Maria e Marília, eu não seria metade do que eu sou atualmente se não fosse por vocês;

Aos meus professores que compartilharam os seus conhecimentos vastos para que eu me tornasse um Terapeuta Ocupacional de qualidade. De forma singular, um agradecimento especial a Marília, Thaís, Bia, Bárbara, Carmen, Andreza, Joana e Letícia por mostrarem de diferentes perspectivas o que significa ser terapeuta ocupacional;

À Marília Mayer e Claudia Fell, por aceitarem compor a banca e me guiaram em um momento que acreditei não ter mais solução;

À minha orientadora Ana Carollyne Dantas por aceitar fechar o passado e iniciar o presente visando o meu futuro, não poderia ser mais grato pelo voto de confiança e o investimento para a conclusão deste trabalho.

À todos os meus amigos que contribuíram diretamente e indiretamente nesses anos de graduação, em especial a Flávia, Mayara, Tayane, Matheus, Gabriel, Wesley e Amanda por todos os anos de carinho e confiança, eu amo vocês.

RESUMO

A Terapia Ocupacional na educação surge através da educação especial, que se trata da inclusão educacional das pessoas com algum tipo de deficiência, assim como com a criação das “classes especiais” que eram direcionadas a uma parcela específica da população que apresentava alguma dificuldade ou limitação de aprendizado. O trabalho do terapeuta nessa realidade se caracterizou no seu princípio a partir das atividades de apoio aos educadores com uma ação voltada para o estudante com deficiência, através de procedimentos terapêuticos organizados sob os critérios de diagnósticos clínicos, avaliação de comportamento, dentre outros. A partir das reflexões sobre como a Terapia Ocupacional se firmou enquanto profissão importante e eficaz na inserção de crianças na educação inclusiva a partir do seu leque de intervenções surge a indagação “Quais ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no ambiente escolar atualmente?” E para responder esse questionamento foi realizada uma busca na base de dados das três revistas de Terapia Ocupacional brasileiras no mês de outubro do ano de 2017. Para a busca foram utilizados os seguintes descritores, em português, com cruzamentos: Terapia Ocupacional AND escolas, Terapia Ocupacional AND educação e Terapia Ocupacional AND ambiente escolar, sendo este último um termo livre. Selecionaram-se todos os artigos que apresentaram a temática da Terapia Ocupacional no ambiente escolar nos últimos 10 anos, garantindo a atualidade dos dados. Foram excluídas as revisões bibliográficas, os editoriais e artigos que não relatassem diretamente a intervenção da Terapia Ocupacional no ambiente escolar. Como resultado, podemos refletir que as intervenções da profissão são pontuais, porém de extrema importância, nos dando brechas para refletirmos sobre a caracterização do profissional de Terapia Ocupacional no âmbito escolar, fazendo-se importante pensar em novos meios de se fazer um bom profissional na área da educação, para além das questões de inclusão.

PALAVRAS CHAVES: Terapia Ocupacional, Educação, Escolas, Ambiente Escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 A Terapia Ocupacional Brasileira	8
2.2 Áreas de Atuação da Terapia Ocupacional	10
2.3 A Terapia Ocupacional na Educação	12
3 METODOLOGIA	15
4 RESULTADOS	16
5 DISCUSSÃO	19
6 CONCLUSÃO	24
REFERENCIAL TEÓRICO	25

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional é uma profissão que possui muitos anos de história pelo mundo, e durante a sua construção recebeu diversos nomes e definições. Uma das primeiras definições da profissão foi dada em 1922 pelo médico H. A. Pattison, como “qualquer atividade, mental ou física, claramente prescrita e orientada, com o objetivo específico de contribuir para o tratamento e acelerar a recuperação de uma doença ou trauma” (SOARES, 2007).

Esta profissão surge no final do século XIX pela necessidade de capacitar as pessoas que sofriam algum tipo de acidente nas indústrias, no grande auge da Revolução Industrial, assim como na mesma época apresentava-se uma necessidade que existisse uma profissão que cuidasse e ocupasse os internos dos hospitais psiquiátricos. Porém, foi apenas na 2ª Guerra Mundial que a profissão tomou forma e foi expandida com força total ao redor do mundo (DE CARLO & BARTALOTTI, 2001).

Entendemos, assim, que a profissão surge de uma demanda social, ressignificando espaços que anteriormente não possuíam perspectivas positivas, tornando produtivo aqueles que outrora foram descartados por consequência das suas incapacidades e durante a construção do perfil da profissão foram-se criando novas perspectivas e novos traços de personalidade para a Terapia Ocupacional.

É de competência do terapeuta ocupacional atuar sob as atividades cotidianas, fazendo-se assim um profissional importante para quaisquer demandas que envolvam essas atividades, em qualquer âmbito da vida, como por exemplo no processo de adoecimento mental, no trabalho ou em ambientes de convívio escolar e social. De forma geral, esse profissional atua através da prevenção, habilitação ou reabilitação através das atividades (COFFITO, 2010).

De acordo com o COFFITO (2012), as atividades do profissional estendem-se por diversos campos das ciências de saúde e sociais. Avalia o indivíduo para obter o projeto terapêutico indicado que deverá resolutivamente favorecer o desenvolvimento e/ou aprimoramento das capacidades psico-ocupacionais remanescentes, e a melhoria do seu estado psicológico, social, laborativo e de lazer.

Direcionando para o campo de atuação escolar da Terapia Ocupacional, Rocha (2007) diz que a inserção da Terapia Ocupacional no campo da Educação aconteceu através da chamada "Educação Especial", que era voltada para pessoas com deficiências em instituições educacionais especializadas, segregadas da rede regular de ensino, ou ainda, do trabalho

desenvolvido nas denominadas "classes especiais" dirigidas a populações específicas (estudantes com deficiência mental, física, visual, auditiva ou transtorno do desenvolvimento).

O autor ainda nos diz que o trabalho da Terapia Ocupacional nesse contexto se caracterizou durante muito tempo pelas atividades de apoio aos educadores com uma ação voltada especificamente para o estudante com deficiência, através de procedimentos terapêuticos organizados sob os critérios de diagnósticos clínicos ou psicopedagógicos, avaliação de comportamento, critérios de faixa etária, entre outros (ROCHA, 2007).

Mas nos tempos atuais e com o avanço da profissão tanto no Brasil como no mundo podemos vislumbrar que a Terapia Ocupacional vai além da inclusão. Num sentido mais amplo, existem muitas possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional na Educação que vão além da inclusão e é esse questionamento que norteia esta revisão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A Terapia Ocupacional Brasileira

Na história da utilização das ocupações como forma de tratamento no Brasil, é de extrema importância a referência da vinda da família Real portuguesa para o Brasil, que deu impulso a reestruturação psiquiátrica, principalmente depois da independência. Em 1852 no Rio de Janeiro se deu início o uso das ocupações como forma de tratamento com a fundação do Hospital D. Pedro II (MENDES, 2011).

Em 1898 iniciou-se o funcionamento do hospital Jóquei (atual hospital Franco da Rocha) onde era atendido doentes mentais de todo o Brasil. Franco da Rocha e Pacheco e Silva introduziram lá o tratamento pelo trabalho intitulado na época por "praxiterapia" (utilização terapêutica do trabalho, distribuindo-se tarefas de complexidade crescente; terapia ocupacional). Em 1931, Ulisses Pernambuco introduziu a ocupação terapêutica no nordeste do Brasil (CREFITO9, 2017).

Os programas para incapacitados físicos surgiram no Brasil somente em 1940, decorrente do Movimento Internacional de Reabilitação. Órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO), difundiram leis protecionistas aos deficientes físicos e propondo a implantação de programas específicos para a essa população. Enquanto o movimento internacional de reabilitação se originou nos países

que participaram da I e II guerra mundial, no Brasil havia a preocupação com as doenças crônicas ex: Tuberculose, deficiência congênita, acidentes de trabalho, acidentes no trânsito e doentes ocupacionais (MENDES, 2011).

Fazendo um levantamento histórico, De Carlo e Bartalotti (2001) esclarecem que devido à influência norte-americana, por conta da Segunda Guerra Mundial, surgiu-se a necessidade de profissionais terapeutas ocupacionais em hospitais que atendiam os incapacitados físicos. Com isso, os cursos de formação e a profissão em Terapia Ocupacional foram implantando-se, preferencialmente, na área da reabilitação física no Brasil, sendo o primeiro instalado pela Organização das Nações Unidas (ONU), com duração de 12 meses, ministrado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, regulamentado em 1964.

Desde então até os dias mais atuais, a Terapia Ocupacional veio se constituindo e abrindo seus campos de atuação, após passar pela crise de identidade profissional. De Carlo e Bartalotti (2001) apontam dois dos grandes nomes que impulsionaram a profissão, sendo esses M. J. Benetton e Luiz Cerqueira, com suas abordagens e importantes colocações a respeito da saúde mental, assim como a forte adesão dos profissionais na luta antimanicomial, em 1980.

As autoras ainda refletem que as mudanças em como a forma da Terapia Ocupacional acontece também foram importantes para a construção da profissão. As mudanças dos campos de profissão oriundas do exterior trouxeram para a Terapia Ocupacional atendimentos privativos e domiciliares, entretanto, no Brasil, houve esta contradição e atualmente é válido dizer que os terapeutas ocupacionais trabalham com perspectivas tecnológicas como o avanço da ciência, munidos das Tecnologias Assistivas para realizar trabalhos em populações mais carentes a fim de melhorar a qualidade de vida dessa clientela.

A terapia ocupacional vem se constituindo como área de ensino e pesquisa nas universidades brasileiras a partir de 1980. Nesta década, definiu-se a ampliação do ensino para 4 anos de graduação pelo Ministério de Educação e Cultura, que serviu de base para a reestruturação curricular do ensino de graduação nas principais instituições de ensino superior existentes (LOPES, 1991).

Barros e Oliver (2003) nos dizem que foi desse período que se iniciou a formação de pesquisadores através da inserção de terapeutas ocupacionais nos programas de pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento, a partir da exigência para a carreira docente, principalmente em universidades de caráter público. Até a década de 1990, a Terapia

Ocupacional estava voltada para o mercado de trabalho, com foco na área da saúde, como consequência, a baixa formação de pesquisadores e de terapeutas ocupacionais.

Atualmente, podemos afirmar que a Terapia Ocupacional ultrapassou os limites da reabilitação e que ela pode e deve estar engajada em todos os processos, desde a prevenção, ampliando e fazendo-se importante em diversos campos de atuação, como em questões sociais e educacionais.

2.2.Áreas de Atuação da Terapia Ocupacional

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional reconhecem as seguintes áreas de atuação da profissão: Saúde Mental, Saúde Funcional, Saúde Coletiva, Saúde da Família e os Contextos Sociais (COFFITO, 2011).

Ribeiro e Oliveira (2005) trazem um levantamento histórico da Terapia Ocupacional na saúde mental, onde relatam que durante as mudanças na assistência psiquiátrica, a profissão buscou sua legitimidade enquanto área de atuação e de produção de saber. Para tanto, os terapeutas ocupacionais têm procurado aprimorar-se teórica, técnica e politicamente para a atuação na rede de serviços substitutivos, em nível de prevenção e promoção de saúde, tratamento, reabilitação e inclusão social.

Partindo para a saúde funcional, Pereira (2009) esclarece que essa abordagem é voltada para recuperar uma função sensorial e ou motora que foi perdida, levando o indivíduo a ter dificuldades na execução das suas atividades cotidianas. A Terapia Ocupacional, para o autor, possui uma importância significativa com estes indivíduos: O papel de facilitador, mostrando-lhes as possibilidades de recuperação funcional, trabalhando com este para que não se entregue a esta limitação e sim que possa superá-la.

Algumas das especialidades do terapeuta ocupacional da saúde funcional são crianças com déficit motor; sequelados neurológicos, sequelados de traumatismo, idosos com limitações da própria idade, dentre outros. Esta área visa a aquisição, reaquisição e manutenção dos movimentos comprometidos e com isso devolver-lhes a função e a independência, ou seja, a base dos princípios da Terapia Ocupacional funcional (PEREIRA, 2009).

A profissão adentrou no campo da saúde da família pelo NASF, criado pelo Ministério da Saúde, por meio da Portaria GM nº 154 de janeiro de 2008 (BRASIL, 2008), constituídos por equipes compostas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento, inclusive de Terapia Ocupacional, para atuar em conjunto com os profissionais das equipes de saúde da

família, com o intuito de ampliar o escopo e a resolutividade de atenção aos usuários (CARVALHO & BREGALDA, 2016).

As autoras ainda relatam que existe outra possibilidade de atuação da profissão na atenção básica à saúde, que partiu da inserção nas equipes do Consultório na Rua, com o propósito de formar equipes itinerantes para atuar na atenção à saúde dos moradores em situação de rua, com o direcionamento de suas ações para a saúde mental. A Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2012, veio regulamentar a inserção do terapeuta ocupacional como profissional integrante dessas equipes.

Para Nunes (2009), a Terapia Ocupacional na atenção básica à saúde prioriza os contextos de vida dos indivíduos assistidos em suas intervenções. Sua inserção na Equipe de Saúde da Família se dá por meio do desenvolvimento de ações na comunidade, domicílio e, primordialmente, nos dispositivos comunitários e sociais, o que colabora para a ampliação da promoção de saúde além dos limites físicos e institucionais.

Partindo para o contexto social da profissão, Barros (et al. 2002) relata que a discussão a respeito da área social na terapia ocupacional conheceu seus primeiros momentos nos anos de 1970, quando terapeutas ocupacionais atentos aos movimentos sociais do país compreenderam a dimensão político-social de sua prática e buscaram participar em projetos de ações sociais e em instituições até então distantes de seus interesses.

A terapia ocupacional foi absorvendo características que permitem formular uma nova base e campo de ação com novas proposições e estudos possíveis. Os processos de ação em terapia ocupacional social tornam-se espaços sociais de negociação cultural e relacional, de produção ou de facilitação de participação da pessoa na vida coletiva, na elaboração de projetos de vida e no sentimento de pertencimento e, não podem ser compreendidos através de separações e disjunções. A ação do terapeuta ocupacional, ela mesma, permanece em movimento permanente (BARROS, 2004).

O terapeuta ocupacional social trabalha com base na interpretação da demanda que é simultaneamente individual e coletiva. A interpretação é seguida de sua problematização, do estudo do contexto e da elaboração de projeto que envolve negociação constante. É nesse sentido que as noções de cidadania e de produção de identidades são guias da interpretação e da formulação de projetos de intervenção (BARROS, 2004).

Há ainda que mencionar dois elementos fundamentais que emprestamos de Paulo Freire para desenhar a terapia ocupacional social: a conscientização e o diálogo. Barros (2004) elucida que a conscientização não é apenas tomar conhecimento da realidade. A tomada de consciência significa a passagem da imersão na realidade para um distanciamento desta

realidade. A conscientização ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica. Isto é, ao desvelamento das razões de ser de uma dada situação segue-se uma ação transformadora desta realidade.

2.3. Terapia Ocupacional na Educação

Como uma definição base para este campo de atuação, Rocha (2007) cita que:

[...] entendemos que a Educação é um dos campos de intervenção da Terapia Ocupacional, caracterizado fundamentalmente pela interdisciplinaridade e o seu objeto é o sujeito coletivo, ou seja, os educadores, os estudantes com ou sem deficiência, os equipamentos escolares, os familiares e a comunidade. Cabe, no entanto, a explicitação das finalidades da intervenção da Terapia Ocupacional aos diferentes sujeitos, bem como a organização de ações apropriadas, que considerem o fortalecimento da potência de todos os envolvidos no trabalho (ROCHA 2007, p. 125)

De Carlo e Bartalotti (2001) alertam que o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil não se faz suficiente para a intervenção da Terapia Ocupacional na escola. Os autores alertam que é extremamente importante que o profissional tenha um conhecimento do processo de ensino-aprendizagem em suas relações com o desenvolvimento infantil. Ele precisa conhecer a forma que se estrutura o sistema educacional, e este apoio deve estar associado a uma reestruturação das escolas e das classes e precisa incluir instrumentos, técnicas e equipamentos especializados.

Os autores complementam que ao terapeuta ocupacional compete instrumentalizar o aluno e a escola para uma ação pedagógica efetiva, nisso incluindo adaptações ambientais e de mobiliário e utilização de diversos recursos de tecnologia assistiva. Porém, esta atuação não deve ser planejada apenas como um oferecimento de recursos técnicos ou tecnológicos para a inclusão da pessoa com deficiência no espaço físico da escola. Antes, deve se dar por meio de um acompanhamento participativo nas atividades escolares, tanto por meio de orientação e

assessoria à equipe educacional, como por trabalhos com toda a comunidade escolar para a sensibilização quanto ao respeito à diversidade (DE CARLO & BARTALOTTI, 2001).

Defendendo a Terapia Ocupacional na Escola com caráter inclusivo, as autoras Folha e Barba (2016) falam que a perspectiva da inserção precoce de crianças com deficiência no âmbito educacional, além de promover seu engajamento ocupacional na educação, também promoverá interações com outras crianças que tendem a ser multiplicadoras de olhares inclusivos para outros espaços da sociedade. Ou seja, ao auxiliar que essas crianças que apresentam certas deficiências ingressem no colégio haverá uma disseminação da cultura inclusiva, onde as crianças poderão conviver com diferenças desde muito jovens, adotando um olhar mais respeitoso com as diferenças, adquirindo compreensão para com essas diferenças, levando esse olhar e esse pensamento durante a condução das suas vidas.

Direcionando o olhar para as crianças que são inclusas na escola mesmo com suas dificuldades, Emmel (2015) traz que se, por um lado, a criança aprende as suas ocupações mais com as interações que ela tem com o ambiente do que por uma questão neuromaturacional, assim como a falta de estímulos limita a exploração causando assim uma dificuldade do aprendizado dessas ocupações, é coerente dizer que a educação inclusiva promove significativamente uma repercussão positiva na ampliação das habilidades da criança, pois ela estará sendo estimulada constantemente assim como será disposto para ela situações a serem vivenciadas constantemente.

A Terapia Ocupacional na Educação nasce na perspectiva da inclusão, porém sofre um desafio de se reinventar, passando a vislumbrar novas possibilidades, grupos de terapeutas ocupacionais propõem a intervenção no campo do ensino regular tomando como objeto de estudo as metodologias empregadas nos processos de ensino-aprendizagem. Acontece, então, um primeiro deslocamento, o objeto de intervenção deixa de focar as deficiências e incapacidades do indivíduo para analisar as dificuldades e limites das diferentes abordagens de ensino-aprendizagem que levam em conta as diversas formas de entender o desenvolvimento humano (ROCHA, 2007).

Nepomuceno (2015) sugere que para além das intervenções inclusivas, a Terapia Ocupacional tem muito a contribuir na educação com as Tecnologias Assistivas, trazendo ainda o conceito de Currículo Funcional, que se trata das adaptações que tragam o conteúdo pedagógico para a realidade daqueles que possuem alguma deficiência intelectual, com o objetivo de assimilar e utilizar o conhecimento de maneira funcional. O autor ainda pontua que a aprendizagem do ser humano é gradativa, evoluindo de acordo com a capacidade de cada indivíduo, pré definindo-as em atenção, concentração, raciocínio lógico e memórias,

podendo ser avaliadas e tratadas pelo terapeuta ocupacional através de técnicas e métodos baseadas no Brincar, Atividades Psicomotoras, Terapia da Integração Sensorial, Estimulação Cognitiva e Grafomotricidade.

Ávila (2009) traz uma reflexão importante sobre a profissão no âmbito educacional ao dizer que é neste contexto que se encontra a relevância da atuação do terapeuta ocupacional, como um profissional de apoio na rede de educação, visando à instrumentalização do aluno e da escola para uma ação pedagógica efetiva. A contribuição do profissional deve ultrapassar as sugestões e modificações de recursos através da tecnologia assistiva, é preciso que haja de fato uma imersão na escola para que apareçam oportunidades de contribuição ainda mais relevante da Terapia Ocupacional, uma contribuição que perpassa a reestruturação das escolas, das classes, da atenção individualizada do aluno, dando uma visibilidade e um conhecimento maior das suas potencialidades, assim como o alcance satisfatório do meio sociocultural que este aluno está inserido.

3. METODOLOGIA

De acordo com o que foi apresentado, o estudo trata-se de uma revisão da literatura, que partiu do seguinte questionamento: “quais ações realizadas pelos terapeutas ocupacionais no ambiente escolar atualmente?”.

Para tanto, foi realizada uma busca na base de dados das três revistas de Terapia Ocupacional brasileiras (Revista de Terapia Ocupacional da USP, Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional), no mês de outubro de 2017. Para a busca foram utilizados os seguintes descritores com cruzamentos: Terapia Ocupacional AND escolas, Terapia Ocupacional AND educação e Terapia Ocupacional AND ambiente escolar, sendo este último um termo livre (termo não encontrado nos descritores de ciências da saúde, mas importante para a coleta dos dados).

A pesquisa foi realizada no idioma português. Selecionaram-se todos os artigos que apresentaram a temática da Terapia Ocupacional no ambiente escolar nos últimos 10 anos, garantindo a atualidade dos dados. Foram excluídas as revisões bibliográficas, os editoriais e artigos que não relatassem diretamente a intervenção da Terapia Ocupacional no ambiente escolar.

A seleção dos artigos foi realizada em três fases, primeiro com a busca nas bases de dados através dos cruzamentos dos descritores e termo livre; após a busca, foram lidos todos os títulos e os que não obedeciam aos critérios de elegibilidade foram excluídos. A segunda fase constou da exclusão por duplicação dos artigos e leitura dos resumos. Por fim, na terceira fase foram lidos todos os textos na íntegra e excluídos aqueles que não se encaixavam nos critérios de elegibilidade. Todas essas fases foram realizadas por revistas.

As buscas serão apresentadas em fluxograma de seleção dos artigos (figura 1), e para a caracterização e posterior análise utilizou-se protocolo criado para esse estudo com as seguintes categorias: autor e ano/publicação, local do estudo, revista publicada, tipo de estudo e ação da Terapia Ocupacional na escola.

4. RESULTADOS

Foram encontrados 510 artigos no total, sendo 459 na Revista de Terapia Ocupacional da USP, 36 nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional e 15 na Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (Revisbrato) (quadro 1), a quantidade de artigos encontrados segundos os cruzamentos realizados encontram-se resumidos no quadro 1. Os artigos incluídos foram categorizados no quadro 2 e analisados quanto as categorias apresentadas.

Quadro 1: Total de artigos encontrados nas revistas por cruzamentos de descritores e termos

Revistas	Cruzamentos	Total de artigos encontrados
Revista de Terapia Ocupacional da USP (459)	Terapia Ocupacional X escolas	99
	Terapia Ocupacional X educação	286
	Terapia Ocupacional X Ambiente Escolar	74
Cadernos de Brasileiros de Terapia Ocupacional (36)	Terapia Ocupacional X escolas	11
	Terapia Ocupacional X educação	20
	Terapia Ocupacional X Ambiente Escolar	5
Revisbrato (15)	Terapia Ocupacional X escolas	0
	Terapia Ocupacional X educação	14
	Terapia Ocupacional X Ambiente Escolar	1

livres. João Pessoa, 2017.

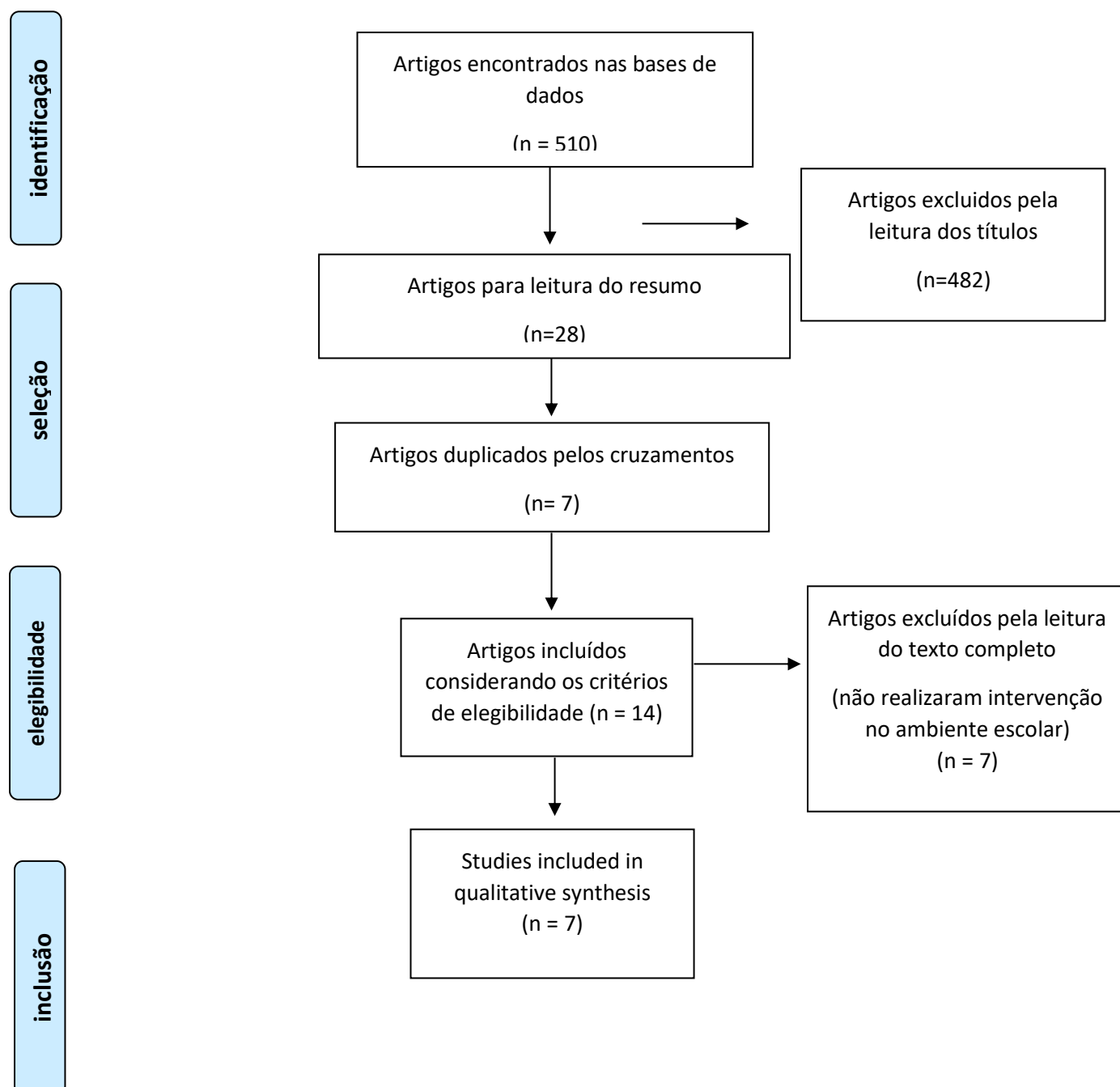


Figura 1: Fluxograma do número de artigos encontrados e selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Quadro 2: Categorias analisadas dos estudos incluídos na revisão. João Pessoa, 2017.

AUTOR / ANO	LOCAL	REVISTA	TIPO DE ESTUDO	AÇÃO DA TO NA ESCOLA
Jurdi, Brunello & Honda / 2003	São Paulo / SP	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Estudo de caso.	Reorganização da dinâmica da sala de aula e confecção de brinquedos e jogos.
Pelosi & Nunes / 2011	Rio de Janeiro/ RJ	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Pesquisa-Ação.	Tecnologia Assistiva
Rocha & Deliberato / 2012.	Interior de São Paulo / SP	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Estudo de caso.	Tecnologia Assistiva
Della Barba & Minatel / 2013	São Carlos / SP	Cadernos de Brasileiros de Terapia Ocupacional.	Estudo de caso	Consultoria Colaborativa
Plategher, Emmel & Cruz / 2013	São Carlos / SP	Cadernos de Brasileiros de Terapia Ocupacional.	Estudo de caso	Intervenções através de Tecnologia Assistiva
Baleotti & Zafani / 2017	Marília / SP	Cadernos de Brasileiros de Terapia Ocupacional.	Relato de experiência a partir de um estudo de caso.	Consultoria Colaborativa e Tecnologia Assistiva
Folha & Monteiro / 2017	Belém / PA	REVISBRATO	Exploratório, descritivo e de intervenção.	Consultoria Colaborativa

5. DISCUSSÃO

Os 7 artigos selecionados para análise foram publicados entre os anos de 2003 a 2017, se intensificando a partir do ano de 2011 (6 artigos). Considerando as datas analisadas, é importante ressaltar que as publicações foram pontuais e com o período de tempo bem limitado.

Desta forma, a partir do ano de 2011 houve um maior número de produções científicas dessas intervenções nas revistas. Uma possível explicação para o maior interesse dos profissionais em produzir publicações é que no ano de 2011 o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional a partir da Resolução de nº. 406/2011, disciplina a especialidade profissional do terapeuta ocupacional nos contextos sociais, onde no artigo 3º inciso XVIII diz que é de competência deste profissional atuar na área de educação por meio de ações de educação em saúde, facilitação do processo de inclusão escolar, avaliação, prescrição, confecção, treino e adaptação de recursos de tecnologia assistiva facilitadora do processo de aprendizagem (COFFITO, 2011).

Partindo para os locais onde os artigos foram produzidos e as intervenções aconteceram, houve uma grande concentração no sudeste do país, sendo 5 (cinco) destes no estado de São Paulo (JURDI, BRUNELLO & HONDA, 2003; ROCHA & DELIBERATO, 2012; DELLA BARBA & MINATEL, 2013; PLOTEGHER, EMMEL & CRUZ, 2013; BALEOTTI & ZAFANI, 2017). Uma possível explicação para essa concentração pode ser justificada pelo estudo de Cardoso e Matsukara (2012), onde as autoras propõem uma busca dos terapeutas ocupacionais e sua relação com a inclusão escolar, nos levando a amostra de 8,7% do total dos profissionais atuantes no estado de São Paulo envolvidos de alguma forma com o processo de inclusão escolar. Outra justificativa para essa concentração de terapeutas ocupacionais engajados no âmbito escolar estar na região sudeste vem dos indicadores feitos pela estação de trabalho da rede observatório de recursos humanos em saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Observar-IMS/UERJ), que em um levantamento do desenvolvimento da graduação em Terapia Ocupacional no Brasil dos anos 2000 até 2010, relatam que a região Sudeste apresenta maior número de cursos de graduação bem como o número de graduandos, sendo de 189% o crescimento dos anos citados anteriormente.

Adentrando nos dados das revistas que foram utilizadas para a pesquisa em suas bases de dados, houve um maior número de publicações encontradas nos Cadernos de Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar (42.8%) e na Revista de Terapia Ocupacional da USP (42,8%).

A resposta para a predominância de artigos encontrados na primeira revista pode ser dada pelo tempo de existência da mesma. Fazendo um levantamento histórico, os Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional foram idealizados na década de 1980, tendo o seu primeiro número lançado no ano de 1990, os outros periódicos surgiram nos anos de 1990 e 2013, respectivamente, tendo a Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional lançado seu primeiro volume no ano de 2016.

Uma outra justificativa pode ser dada pela Universidade Federal de São Carlos ser apontada como uma referência (LOPES & SILVA, 2007) para a Terapia Ocupacional Social a partir do projeto METUIA, que se trata de um Núcleo da universidade composto por discentes de graduação e pós-graduação e docentes, que desenvolvem projetos de pesquisa, ensino e extensão com ações de cidadania com crianças, adolescentes e adultos que estão em processo de ruptura das redes sociais de suporte (BARROS, LOPES & GALHEIGO, 2002).

Reforçando a consideração do METUIA nos contextos sociais, Lopes & Silva (2007) pontuam que existem muitos recursos que são prioridades para a Terapia Ocupacional no âmbito da inclusão, sendo estes as atividades, as tecnologias assistivas, a recreação, a comunicação alternativa, a assessoria de profissionais da educação, a capacitação, dentre muitos outros. Mas, para além dessas, o METUIA vem demonstrando desde 2004, através das suas intervenções, as possibilidades de trabalhos direcionados às questões dos adolescentes e da juventude dos grupos populares urbanos, correlacionando a educação e a escola pública.

Direcionando a atenção para os tipos de estudos realizados nos artigos selecionados, foram encontrados quatro estudos de casos e um artigo que faz um relato de experiência a partir de um estudo de caso, nos dando um dado importante sobre os tipos de metodologia utilizadas pelos terapeutas ocupacionais na hora de intervir no contexto escolar (JURDI, BRUNELLO & HONDA, 2003; ROCHA & DELIBERATO, 2012; DELLA BARBA & MINATEL, 2013; PLOTEGHER, EMMEL & CRUZ, 2013; BALEOTTI & ZAFANI, 2017).

Para justificar o grande número de estudos de caso encontrados, Barbier (1985) nos esclarece que o estudo de caso se trata de um procedimento utilizado frequentemente na intervenção clínica com objetivo de compreensão e planejamento da intervenção, sendo priorizado por sua possibilidade de integração de diferentes técnicas e campos do conhecimento. Nessa condição, o conhecimento teórico é dirigido ao individual e ao particular, em um autêntico ato de 'debruçar-se sobre o leito', o que, etimologicamente, encontra-se presente na palavra clínica. O autor refere também o significado "procedimento de observação direta e minuciosa", relacionado ao termo e à condição de a clínica incluir a exploração e compreensão dos significados presentes nas ações do sujeito.

Somado a isso, Pereira et.al (2009) corroboram que este tipo de estudo se baseia em várias fontes de evidências e, como qualquer outra estratégia de pesquisa, se apoia nas proposições teóricas pré-estabelecidas para conduzir a coleta e a análise dos dados. Deste modo, a teoria serve como modelo para análise e comparação dos resultados e possibilita a 'generalização empírica'. Os resultados do estudo de caso possibilitam generalizações a proposições teóricas e não a populações, uma vez que o objetivo da pesquisa de estudo de caso é expandir e generalizar teorias. Por isso a estratégia do estudo de caso como método de pesquisa requer a apresentação rigorosa dos dados e a delimitação teórica prévia (PEREIRA; GODOY; TERÇARIOL, 2009).

Com predominância de intervenções baseadas na Tecnologia Assistiva e Consultoria Colaborativa (QUADRO 2), podemos concluir que as ações da Terapia Ocupacional no âmbito escolar que foram produzidas durante os anos de 2003 a 2017 possuem o caráter de Inclusão Educacional de crianças que apresentem dificuldades (ROCHA & DELIBERATO, 2012; DELLA BARBA & MINATEL, 2013; PLOTEGHER, EMMEL & CRUZ, 2013; BALEOTTI & ZAFANI, 2017; PELOSI & NUNES, 2011; FOLHA & MONTEIRO, 2017).

Fazendo uma breve caracterização sobre a Tecnologia Assistiva, Sousa (et al. 2015) esclarece que as tecnologias assistivas, circunscritas na tecnologia, envolvem aspectos mecânicos, biomecânicos, ergonômicos, funcionais, cinesiológicos, éticos, estéticos, políticos, afetivos, subjetivos e, como tal, devem ser compreendidas. Rodrigues e Alves (2013) corroboram ao afirmarem que a tecnologia assistiva representa atualmente uma área em ascensão, impulsionada pelo paradigma da inclusão social, que defende a participação de pessoas com deficiência nos diversos ambientes da sociedade.

Como dito anteriormente, a consultoria colaborativa teve um grande impacto e foi bastante utilizada como ação da Terapia Ocupacional na escola. Fazendo uma caracterização, a consultoria colaborativa se trata de um processo no qual um consultor treinado trabalha em uma relação igualitária, não hierárquica, com outros profissionais, pais e/ou responsáveis, auxiliando no processo de tomada de decisões e na implementação de ações dentro do interesse educacional dos alunos. A meta é encontrar caminhos para garantir o sucesso de qualquer aluno na educação regular e sua efetividade depende da comunicação honesta e autêntica do consultor (TREVISAN; DELLA BARBA, 2010; KAMPWIRTH, 2003).

Dado esse número expressivo de intervenções relacionadas a inclusão, podemos justificar que isso se dá pela grande força que a Terapia Ocupacional tem na educação inclusiva. Os profissionais, segundo Paula & Baleotti (2011), que atuam na área educacional devem superar velhas práticas embasadas em paradigmas retrógrados, pautadas no modelo

médico de deficiência, cujas ações se centram no aspecto reabilitacional dirigido ao sujeito. Tais ações visam a possibilitar o desenvolvimento de competências individuais para que a pessoa se adeque aos padrões educacionais e sociais previamente estabelecidos.

As autoras complementam ainda que o terapeuta ocupacional que atua com alunos da educação especial, tendo como base o modelo interacionista da deficiência, não deve direcionar o olhar apenas para as deficiências e incapacidades da pessoa, ao contrário, deve analisar paralelamente as inadequações e restrições presentes no contexto ambiental, físico e social que dificultam ou impedem a participação da pessoa, colaborando para a inserção dos alunos com deficiência nesse âmbito de sua vida ocupacional (PAULA & BALEOTTI, 2011).

Corroborando com o que foi dito anteriormente e justificando o olhar do profissional de Terapia Ocupacional nesse contexto, Polia (2007) afirma que:

“Os alvos, portanto, devem ser outros, o que significa dizer, ocupar-se por deixar de exaltar a deficiência e os “déficits do aluno” para pensar o que a escola, enquanto espaço físico, professores, diretores, diretrizes curriculares, enfim toda a gama de atores e papéis que estão inseridos nela pode oferecer/adaptar/ modificar e adequar às necessidades de cada aluno/ sujeito que faz parte dela.” (POLIA, 2007, p. 9-10).

Para Pelosi (2006), a inserção dos terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar é uma consequência da comunicação da profissão com a educação especial e com os processos de inclusão social em geral. Contudo, o terapeuta ocupacional precisa rever conceitos e ações para se colocar com confiança e responsabilidade diante do desafio que representa a inclusão escolar, considerando as transformações paradigmáticas que envolvem este processo.

Embora todos os artigos apresentem uma contribuição positiva da Terapia Ocupacional após as suas intervenções, é preciso problematizarmos como os profissionais da área estão enxergando o campo da educação e suas intervenções. Rocha (2003) apresenta vários tipos de possíveis intervenções da profissão no campo da educação, como abordagens diretas no ambiente para que se torne adequado para todos os tipos alunos que apresentem diversos tipos de dificuldades, avaliando barreira arquitetônicas presentes nos diversos ambientes da escola, introdução de rampas, introdução de diversos tipos de alertas (visual, tátil, auditiva), dentre outras.

Também é válido ressaltar que a ação da Terapia Ocupacional não deve ser clínica, nem voltada a aspectos específicos dos estudantes com deficiência, como afirma Rocha

(2007). A autora refere que deve ser um trabalho a ser desenvolvido com os educadores, os estudantes, os familiares e a comunidade, com a finalidade de facilitar apropriação das dificuldades, dos sentimentos, das emoções que permeiam o relacionamento destes com a proposta de inclusão, desvelando, assim, os sentidos que a deficiência tem para todos e construindo relações que potencializem pensamentos e ações centradas na força da coletividade.

O processo de inclusão escolar não é fácil, mas pode se dar de diversas formas. Para a Terapia Ocupacional é importante que se utilize os seus recursos tecnológicos como um meio que seja capaz de aumentar a construção de novas relações, propondo a quebra dos empecilhos que existem na inclusão escolar, como os tipos e a gravidade das deficiências existentes, a falta de comunicação verbal, dificuldades cognitivas, entre outros processos que são corriqueiros deste caso. Assim, afirma Rocha (2007) ao dizer que é meta da Terapia Ocupacional no espaço escolar o fortalecimento da potência de pensar e agir dos sujeitos envolvidos, facilitar a construção de soluções para os impasses a partir do próprio grupo, redirecionando e alocando recursos tecnológicos, sociais e políticos dos equipamentos da comunidade.

6. CONCLUSÃO

De acordo com todos os artigos encontrados durante a análise, é correto afirmar que a produção sobre a Terapia Ocupacional no campo da Educação vem ganhando força nas duas últimas décadas, entretanto, existe um paradigma sobre as formas de atuar nesse contexto, que se apresentam em outras áreas da profissão que não sejam as duas grandes áreas da Terapia Ocupacional: a funcional e a saúde mental.

Os profissionais que fizeram estas produções científicas abrem caminhos para a profissão, contudo, podemos vislumbrar através dos autores que a Terapia Ocupacional na educação vai além dos modelos clínicos e devem ser desbravados conforme a profissão aumenta.

Durante a busca nas bases de dados foram encontrados mais de 500 artigos, porém, apenas 15 deles falavam diretamente das possibilidades da Terapia Ocupacional na educação, apontando um número importante para refletirmos sobre as produções acadêmicas dos cursos do Brasil em relação a profissão no contexto escolar. É importante salientar também que os Conselhos Regionais e Federal da profissão regulamentam e enfatizam todas as possibilidades de atuação do terapeuta ocupacional nas áreas da educação, dando subsídios necessários para que os profissionais galguem os campos que ainda não foram conquistados com tanta intensidade.

As ações da Terapia Ocupacional no ambiente escolar no cenário atual são identificadas a partir da Inclusão escolar a partir dos conhecimentos da profissão, porém é pertinente e encorajador traçarmos novos caminhos e movimentos para que a profissão se fortaleça, se defina, se renove e que hajam novas perspectivas de atuações.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, A. H. D. **Refletindo sobre a inclusão escolar: contribuições da terapia ocupacional através de uma pesquisa-ação**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) - Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2005.
- BALEOTTI, L. R.; ZAFANI, M. D. Terapia Ocupacional e Tecnologia Assistiva: Reflexões sobre a experiência em Consulta Colaborativa Escolar. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, p. 409-416, 2017.
- BARBIER, R. **A noção de ciências humanas clínicas e as análises institucionais**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 1985.
- BARROS, D.D. et al. Terapia Ocupacional Social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002.
- BARROS, D. D., OLIVER, F. C. Contribuição para a discussão do Qualis de terapia ocupacional no Brasil. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 14, n. 2, p. 52-63, maio/ago. 2003.
- BARROS, D.D. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 15, n. 3, p. 90-7, set./dez., 2004.
- BRASIL. **Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2012**. Define as diretrizes de organização e funcionamento das equipes de Consultório na Rua. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 jan. 2012.

CABRAL, L. R. S.; BREGALDA, M. M. A atuação da terapia ocupacional na atenção básica à saúde: uma revisão de literatura. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 25, p. 179-189, 2017.

CARDOSO, P. T.; MATSUKURA, T. S. Práticas e perspectivas. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 23, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2012.

COFFITO. **RESOLUÇÃO Nº. 383/2010** – Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3146>>. Acesso em: 25/10/2017.

COFFITO. **RESOLUÇÃO Nº. 406/2011** – Disciplina a Especialidade Profissional Terapia Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3169>>. Acesso em: 26/10/2017.

COFFITO. **Terapia Ocupacional: Especialidades reconhecidas pelo COFFITO**. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3390>. Acesso em: 27/10/2017.

COSTA, J. F. Os Interstícios da Lei, in: **VÁRIOS, “Saúde Mental e Cidadania”**, ed. Mandacaru e Plenários de Trabalhadores em Saúde Mental, S.P. 1987.

CREFITO 9. **100 anos da Terapia Ocupacional no Mundo**. Disponível em: <<http://www.crefito9.org.br/imprime.php?cid=1162&sid=320>>. Acesso em: 25/10/2017.

CREFITO 9. **Definições de Terapia Ocupacional**. Disponível em: <<http://crefito9.org.br/quadro-de-avisos/definicao-de-terapia-ocupacional-pela-oms/745>> Acesso em: 25/10/2017.

DE CARLO, M.M.R.P; BARTALOTTI, C. Caminhos da Terapia Ocupacional. In: _____ **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001.

DELLA BARBA, P. C. S.; MINATEL, M. Contribuições da Terapia Ocupacional para a inclusão escolar de crianças com autismo: Relato de experiência. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, p. 601-608, 2013.

EMMEL, M. L. G.; PLOTEGHER, C. B.; CRUZ, D. M. C. Utilização de dispositivos assistivos por alunos com deficiência em escolas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, p. 35-42, 2013.

FOLHA, D. R. S. C.; BARBA, P. C. S. D. **O terapeuta ocupacional no contexto da educação infantil: promovendo o desenvolvimento ocupacional**. In: VII Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2016, São Carlos (SP). Anais do VII Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2016.

FOLHA, D. R. S. C.; MONTEIRO, G. S. Terapia Ocupacional na atenção primária à saúde do escolar visando a inclusão escolar de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 1, p. 202-220, 2017.

GALHEIGO, S. M.; BARROS, D. D.; LOPES, R. E. **Projeto METUIA - Terapia Ocupacional no Campo Social**. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 26, n.3, p. 365-369, 2002.

JURDI, A. P.S.; BRUNELLO, M.I.B. Terapia Ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 15, n.1, p. 26-32, 2004.

JURDI, A. P.S.; SILVA, C. C. B.; SOUSA, P. G. F. O uso da Tecnologia Assistiva por terapeutas ocupacionais no contexto educacional brasileiro: uma revisão de literatura. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 23, p. 625-631, 2015.

LOPES, R. E. **A formação do terapeuta ocupacional. O currículo: histórico e propostas alternativas**. 1991. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1991.

MEDEIROS, M. H. R. Saúde Mental e a Terapia Ocupacional: contexto atual. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 5, n.1, p. 1-5, 1996.

MENDES, S. M. V. **A Terapia Ocupacional no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-terapia-ocupacional-no-brasil/63151/>> Acesso em: 25/10/2017.

NEPOMUCENO, R. P.; EHLERT; MANFIO, E. F. Inclusão escolar: uma questão multi/interdisciplinar. In: Jaqueline Copetti, Vanderlei Folmer. (Org.). **Educação e Saúde no Contexto Escolar**. 1ed.Uruguaiana: UNIPAMPA, 2015, v., p. 212-.

NUNES, E. F. S. **Novas perspectivas no cotidiano do TO na rede básica de saúde**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 11., 2009, Fortaleza. Anais. Fortaleza: Associação dos Terapeutas Ocupacionais do Ceará, 2009.

OBSERVARH-IMS/UERJ. Indicadores das Graduações em Saúde: **Terapia Ocupacional**. Disponível em: <http://www.obsnetims.org.br/uploaded/4_7_2013__1_Terapia%20Ocupacional.pdf>. Acesso em: 26/10/2017.

PAULA, A. F. M.; BALEOTTI, L. R. Inclusão escolar do aluno com deficiência física: contribuições da Terapia Ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 19, p. 53-69, 2011.

PELOSI, M. Por uma escola que ensine e não apenas escolha recursos e estratégias para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. (Org.). **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006. p. 121-132.

PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. A ação conjunta dos profissionais da saúde e da educação na escola inclusiva. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, p. 52-59, 2011.

PEREIRA, L. T. K.; GODOY, D.; TERCARIOL, D. Estudo de Caso como procedimento de pesquisa científica: reflexão a partir da clínica fonoaudiológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica** (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 422-429, 2009.

PEREIRA, I. M. O. A Terapia Ocupacional atuando na área física: Recuperando e resgatando a função. **Revista CREFITO-2 - Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional**. p. 30 - 30, 2009.

POLIA, A. A. **O paradigma da inclusão escolar e a atuação do terapeuta ocupacional**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 10, 2007. Goiânia. Anais.Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiânia, 2007. CD.

RIBEIRO, M. B. S; OLIVEIRA, L. R. Terapia ocupacional e saúde mental: construindo lugares de inclusão social. **Interface – comunicação, saúde, educação**. v. 9, n. 17, p.425-431, 2005.

ROCHA, E. F. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v.18, n. 3, p. 122-127, 2007.

ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional nos processos de inclusão escolar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. v. 14, n.2, p. 72-78, 2003.

ROCHA, A. N. D.C.; DELIBERATO, D. Atuação do Terapeuta Ocupacional no Contexto Escolar: o uso da Tecnologia Assistiva para o Aluno com Paralisia Cerebral na Educação Infantil. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 23, p. 263-273, 2013.

RODRIGUES, P. R.; ALVES, L. R. G. Tecnologia assistiva – uma revisão do tema. **Revista Holos**. v. 6, p. 170-180, 2013.

SOARES, L.B.T. História da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. Terapia Ocupacional: **fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 03-09.

TREVISAN, J. G.; DELLA BARBA, P.C.S. Reflexões acerca da atuação do Terapeuta Ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. v. 20, n. 1, p. 89-94, 2011.